

SIMÕES LOPES NETO: LENDAS E MITOS GAÚCHOS¹

Lisana Bertussi²

RESUMO:

Breve apresentação do contista regionalista gauchesco, Simões Lopes Neto, com aspectos biográficos e possível leitura de quatro lendas, reelaboradas esteticamente, como contos, em *Lendas do Sul* (1913), as quais que podem ser vistas como alegorias de fases da formação do Estado: *Lunar do Sepé*, narrando as contendas guaraníticas, tendo como objeto a discussão do Tratado de Madri, que trocava a Colônia do Sacramento, de território Uruguaio, pelas Missões brasileiras, *O negrinho do pastoreio*, que situa-se na época das charqueadas e mostra o tratamento dado ao negro nas fazendas, *Mboitatá*, que sinaliza a influência indígena e *Salamanca do Jarau*, mostrando a presença do espanhol em nossa História.

Palavras chave: Literatura, Regionalismo, mito, Rio Grande do Sul

ABSTRACT:

A brief layout on the gaucho regionalist story teller Simões Lopes Neto, along with biographical data and possible reading interpretation of four legends aesthetically re-elaborated as novels in *Lendas do Sul* (1913) which can be seen as allegories of the State formation stages: *Lunar do Sepé*, a narrative about the guaraníticas disputes over the Madrid Treat which exchanged Colonia de Sacramento – Uruguayan territory – for Missões Brasileiras, *O Negrinho do Pastoreio* set on the charqueadas age showing the treatment given to black people by ranch owners, *Mboitatá* which presents the aboriginal influence and *Salamanca do Jarau* which shows the presence of Spaniards in our History.

Key words: literature, regionalism, myth, Rio Grande do Sul State.

É muito forte o movimento regionalista no Rio Grande do Sul, nomeado por Guilhermino César³, no que toca à produção literária, de *Gauchesca*. Suas origens estão antes de 1824, marco da chegada dos imigrantes alemães ao Estado, momento em que se inicia a literatura escrita, posterior aos textos oralizados de nosso *Cancioneiro popular*. São marcas caracterizadoras dessa regionalidade a tematização do espaço rural campeiro e a configuração do tipo pastoril, trabalhador da campanha, expresso pela linguagem regional.

Muito se tem produzido nessa literatura que tem sido cultuada como emblema da *gauchidade* desde as quadrinhas populares, passando pelos *causos*, romances ou letras de

¹ Texto apresentado como comunicação no V Congresso Internacional da BRASA, Recife, ano 2000.

² Professora do Departamento de Letras e do Mestrado em Letras e Cultura regional da Universidade de Caxias do Sul e Doutora e Pós Doutoranda em Letras pela PUCRS.

³ CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. 2. ed., Porto Alegre: Globo, 1971.

músicas do famoso festival da *Califórnia da Canção Nativa* de Uruguaiana. E, sem dúvida alguma, o maior expoente na gauchesca é *Simões Lopes Neto*, nascido em Pelotas em 1865. Homem de várias profissões, foi gerente de seguros, industrialista, comerciante, corretor, notário, despachante e registrou marca de gado sem ter fazenda, sonhando ,ainda, com a prata das *Minas de Taió* em Santa Catarina, onde perdeu seus últimos tostões. Seu desejo era ser talvez historiador e não pôde imaginar que a Literatura é que o faria imortal. Feminista, ecologista, utopista e tradicionalista forte, publicou *Cancioneiro Guasca* (1910), *Contos Gauchescos* (1912), *Lendas do Sul* (1913) e *Casos do Romualdo* (1914).

Foi muito criticado por fazer o que denominaram-se “retoques” nas composições recolhidas no *Cancioneiro Guasca*, com razão nesse caso de intenções de registro. Mas, talvez, não se tenha percebido imediatamente a genialidade de *Simões Lopes Neto* que, ao dar tratamento literário aos textos, fazia literatura de grande valor estético, sem deixar de registrar a fonte original das composições.

Ainda que toda sua produção seja significativa para o Regionalismo gaúcho, vamos nos deter nas *Lendas do Sul*,⁴ publicação que reúne 17 mitos recolhidos pelo Autor, que, não se contentando com o registro puro e simples, deu-lhes forma de verdadeiras obras primas do conto gaúcho, principalmente se pensarmos no *Lunar do Sepé* (1902), *O negrinho do pastoreio* (1906), *Mboitatá* (1909) e *Salamanca do Jarau* (1913), as mais significativas, que vamos abordar breve e cronologicamente.

Se o mito é um produto cultural, enformador da cosmovisão das sociedades primitivas e enfaticamente voltado para os momentos fundacionais da História de uma comunidade, como refere Regina Zilberman (ZILBERMAN, 1977) em *Do mito ao romance*, com certeza podemos ler essas quatro lendas como alegorizadoras dos diversos elementos enformadores da sociedade gaúcha. Na primeira, temos a demarcação dos limites do território, na segunda, a gênese da estância portuguesa, na terceira, a origem indígena do Estado e, na quarta, a influência do arabismo de Espanha.

O mito *O lunar de Sepé*, ouvido pelo Autor de “uma velhíssima mestiça – Maria Genória Alves-moradora na picada que atravessa o rio Camaquã, entre os municípios de Canguçu e Encruzilhada”, (LS, p.101) narra em versos as contendidas guaraníticas das reduções das *Missões*, causadas pela assinatura do *Tratado de Madri* em 1750, em que Portugal recebia de Espanha essas possessões em troca da *Colônia do Sacramento* devolvida.

É sabido o quanto era significativa a organização dos *Sete Povos das Missões* (São

⁴ Sempre que usarmos textos de *Lendas do Sul*, usaremos a sigla LS, seguida de página.

Nicolau, São Miguel Arcanjo, São Francisco Borja, São Luís Gonzaga, São João Batista, São Lourenço Martir e Santo Ângelo Custódio) comunidades com organização democrática socializante, em que todos produziam para o grupo, no qual a participação nas decisões era completamente ativa, sistema em que se desenvolveu um clima favorável à intensa produção cultural, principalmente na Arquitetura e na Música. Não era de se estranhar que os índios e missionários lutassem para preservar as reduções. *Sepé Tiaraju*, corruptela de José, *sábio* para os charruas, ou *chefe*, da mesma etimologia de *eçapé*, que significa *ver caminho*, *alumiar*, era realmente um iluminado, marcado por um lunar na testa, insígnia de sua coragem para defender seu povo e suas conquistas.

Observem-se alguns versos da composição:

Do sangue dum grão-Cacique
 Nasceu um dia um menino,
 Trazendo um lunar na testa,
 Que era bem pequenino:
 Mas era um-cruzeiro-feito
 Como um emblema divino
 [...]
 Diferente em noite escura
 Pelo lunar do seu rosto,
 Que se tornava visível
 apenas o sol era posto;
 assim era-Tiaraiú-,
 Chamado -Sepé,-por gosto. (LS, p. 103)

Na relação dos povos guaranícos com a coroa de *Castela e Portugal* fica alegorizada a exploração e opressão dos desvalidos que não podem compreender o que não faz parte de seu código ético de valores e talvez ainda a violência que representaram para os povos mais primitivos os interesses dos civilizados. Veja-se:

E, de Castela, tampouco
 Esperava tal furor;
 Pois sendo seu soberano,
 respeitava seu senhor;
 Já lhe dera ouro e sangue,
 E primazia e honor!

E Sepé Tiarajú é vencido pelos poderosos e com ele todo o povo das Missões. Observe-se:

Mas, o lunar de Sepé
 era o rastro procurado
 Pelos vassallos dos reis,
 Que o haviam condenado...
 ficando o povo, vencido.....
 E seu haver...conquistado! (LS, p.106)

A segunda lenda, *O negrinho do pastoreio*, considerada a mais genuinamente sul-riograndense, muito lida e contada, talvez tenha sua popularidade embasada no quanto chocante é uma alegoria dos maus tratos aos escravos num Estado onde a escravidão não foi enfática nem agressiva. Fala de um tempo em que as *estâncias*, como símbolo da propriedade privada, começam a surgir, e do fazendeiro como um mau caráter, contraponto da heroicidade mitificadora com que o campeiro gaúcho é sempre configurado, na qual a generosidade e hospitalidade são fundamentais. Observe-se um fragmento do texto:

Era uma vez um estancieiro, que tinha uma ponta de surrões cheios de onças e meias-doblas e mais muita prataria; porém era muito cauíla e muito mau, muito. Não dava pousada a ninguém, não emprestava um cavalo a um andante; no inverno o fogo da sua casa não fazia brasas; as geadas e o minuano podiam entanguir gente, que a sua porta não se abria; no verão a sombra dos seus umbus só abrigava os cachorros; e ninguém de fora bebia água das suas cacimbas.

Mas também quando tinha serviço na estância, ninguém vinha de vontade dar-lhe um auxílio; e a campeirada folheira não gostava de conchavar-se com ele, porque o homem só dava para comer um churrasco de tourito magro, farinha grossa e erva-caúna e nem um naco de fumo... e tudo, debaixo de tanta somiticaria e choradeira, que parecia que era seu próprio couro que ele estava lonqueando [...] (LS, p.79)

Um negrinho sem nome era empregado desse estancieiro que, irritado por perder uma carreira de cavalos em que esse era o ginete do baio, maltrata-o seguidas vezes obrigando-o a cuidar de tropilhas de animais que fogem, ou porque ele se distrai dormindo, ou porque o filho do patrão, tão maleva como o pai, solta os animais deixando-os fugir. O estigma de perder o gado passa a acompanhar o negrinho que de tantos maus tratos do estancieiro acaba morrendo jogado num formigueiro. E, como narra o mito “nessa noite o estancieiro sonhou que ele era ele mesmo mil vezes e que tinha mil filhos e mil negrinhos, mil cavalos baios e mil vezes mil onças de ouro...e que tudo isto cabia folgado dentro de um formigueiro pequeno[...].” (LS, p.85), enfatizando-se o pouco valor dos bens materiais tão estimados pelo fazendeiro.

No final do mito, o negrinho ressucita, salvo por N^a. Sra. sua madrinha e passa a ser

considerado como aquele que tem o poder de achar perdidos .Veja-se: “daí por diante, quando qualquer cristão perdia uma cousa, o que fosse, pela noite velha o Negrinho campeava e achava, mas só entregava a quem acendesse uma vela , cuja luz ele levava para pagar a do altar ...da Virgem, ...que o remiu e salvou e deu-lhe uma tropilha, que ele conduz e pastoreia, sem ninguém vê”. (LS, p.86) Então, “quem perder suas prendas no campo, guarde esperança: junto de algum moirão ou sob os ramos das árvores, acenda uma vela para o Negrinho do pastoreio e vá lhe dizendo-Foi por aí que eu perdi... Foi por aí que eu perdi... Foi por aí que eu perdi!... Se ele não achar... ninguém mais”. (LS, p.87)

A terceira lenda, *Mboitatá* é um mito guaraníco que - para explicar as fantasias criadas pela aparição dos fogos-fátuos no campo, produzidos pela fosforescência de restos de ossadas- conta a história de uma interminável noite em que houve uma enchente tão grande que alagando a cova da cobra *boiguaçu* fê-la sair para fora e comer todos os olhos dos animais e homens mortos transformando-se numa serpente luminosa. Observe-se:

E vai,
como a boiguaçu não tinha pelos como o boi, nem escamas como o dourado, nem penas como o avestruz, nem casca como o tatu, nem couro grosso como a anta, vai, o seu corpo foi ficando transparente, transparente, clareado pelos miles de luzezinhas, dos tantos olhos que foram esmagados dentro dele, deixando cada qual sua pequena réstia de luz. E vai, afinal, a boiguaçu toda já era uma luzerna, um clarão sem chamas, já era um fogaréu azulado, de luz amarela e triste e fria, saída dos olhos, que fora guardada neles, quando ainda estavam vivos. (LS, p.28)

E é interessante que os olhos comidos são metonímicas representações da essência de cada ser. Daí, sua potencialidade virtual de alimentar a cobra.Veja-se:

Cada bicho guarda no corpo o sumo do que comeu.
A tambeira que só come trevo maduro, dá no leite o cheiro doce do milho verde; o cerdo que come carne de bagual nem vinte alqueires de mandioca o limpam bem; e o socó tristonho e o biguá matreiro até no sangue tem cheiro de pescado.Assim também, nos homens, que até sem comer nada, dão nos olhos a cor dos seus arrancos. O homem de olhos limpos é guapo e mão- aberta; cuidado com os vermelhos;mais cuidado com os amarelos; e, toma tenência doble com os raiados baços![...] (LS, p. 227)

E o narrador explica porque a cobra, assim mesmo, cheia de olhos, morre ao cabo de um tempo: “[...] a boitatá morreu; de pura fraqueza morreu, porque os olhos comidos encheram-lhe o corpo mas não deram sustância, pois que sustância não tem a luz que os olhos em si entranhada tiveram quando vivos [...]” (LS, p.29)

É procedimento habitual em *Simões Lopes Neto* a universalização de um tema regional dando-lhe caráter de alegoria filosófica. Veja-se que, nessa lenda, se discute a essência do ser e sua impossibilidade de transferência e apropriação.

Isso se repete, na mais significativa lenda desse grupo, *A salamanca do Jarau*, introduzida pelas palavras que explicitam sua origem: “Aqui está tudo o que eu sei, que a minha avó charrua contava à minha mãe, e que ela já ouviu, como cousa velha, contar por outros, que esses viram! [...]” (LS, p.29)

Aqui, se conta um fato ocorrido com *Blau Nunes*, gaúcho campeiro contador de causos, antigo furriel da Revolução farroupilha, que é o narrador revivido de *Contos gauchecos*, outra obra de *Simões Lopes Neto*. O personagem vive um momento de crise e sem sorte, pois, sendo pobre, ainda perdeu a força, a coragem e o poder de cultivar. Chamado à aventura, sai à procura do *boi barroso*, elemento mágico capaz de lhe trazer felicidade. Essa busca, como muito bem apontou Flávio Loureiro Chaves no seu *Simões Lopes Neto: Regionalismo e Literatura* (CHAVES, 1982), tem as características de uma viagem mítica que alegoriza também as inquições do homem sobre o sentido de sua existência. Observemos a lenda:

Era um dia...

um dia, um gaúcho pobre, Blau, de nome, guasca de bom porte, mas que só tinha de seu um cavalo gordo, o facão afiado e as estradas reais, estava conchavado de posteiro, ali na entrada do rincão; e nesse dia andava campeando um boi barroso. E no tranquilo andava, olhando; olhando para o fundo das sangas, para o alto das coxilhas, ao comprido das canhadas; talvez deitado estivesse entre as carquejas-a carqueja é sinal de campo bom-, por isso o campeiro às vezes alçava-se nos estribos e, de mão em pala sobre os olhos, firmava mais a vista em torno; mas o boi barroso, crioulo daquela querência, não aparecia; e Blau ia campeando, campeando[...] (LS, p.35)

Blau Nunes, campeiro de cepa, vive um momento de crise, pois

gaúcho valente que era dantes, ainda era valente, agora; mas quando cruzava o facão com qualquer paisano, o ferro da sua mão ia mermando e o do contrário o lanhava...

Domador destorcido e parador, que só por pabulagem gostava de paletear, ainda era domador, agora; mas quando gineteava mais folheiro, às vezes, num redepente, era volteado...

De mão feliz para plantar, que não lhe chochava semente nem muda de raiz se perdia, ainda era plantador, agora; mas, quando a semeadura ia apontando da terra, dava a praga em toda, tanta, que benzedura não vencia...; e o arvoredado do seu plantio crescia entecado e mal floria, e quando dava fruta, era mixe e azeda...

E assim, por esse teor, as cousas corriam-lhe mal; e pensando nelas o gaúcho pobre, Blau de nome, ia ao tranquilo, campeando, sem topar coo boi barroso. (LS, p.37)

Na sua viagem de busca, encontra a Caverna do Jarau, daí, o título da lenda, onde fica sabendo da história de um sacristão encantado e perdido por uma salamanca, lagartixa mágica, a *Teiniaguá*, que o seduz metamorfoseada numa princesa lindíssima e o prende para sempre. Entra, então, nesse espaço mágico, onde passa por sete provas que enfrenta: as espadas, os jaguanés e pumas, ossamentas de criaturas, as línguas de fogo, a boicininga, as lindas mulheres, os anões cabeçudos. Chega então à presença da encantada que lhe fala oferecendo prêmios, representados pela sorte, poder de sedução, sabedoria, coragem, autoridade, riqueza e sensibilidade artística, mas o campeiro se dá conta que ele quer muito mais. Diz o narrador:

Blau nem se moveu; e, carpindo dentro de si a própria rudeza, pensou no que queria dizer e não podia e que era assim:
-Teiniaguá encantada!Eu te queria a ti, porque tu és tudo!...És tudo o que eu não sei o que é, porém que atino que existe fora de mim, em volta de mim, superior a mim...Eu te queria a ti, teiniaguá encantada![...] (LS, p.63).

Observe-se que, mais uma vez, o reaproveitamento da lenda assume dimensões alegóricas de reflexão sobre o sentido da existência e a miséria humana diante da inexorabilidade de alcance do absoluto.

Continuando a narrativa, Blau resolve então voltar ao mundo real levando uma moeda mágica que quanto mais paga suas compras mais se multiplica. No entanto, quem é pago por ele perde em seguida a mesma quantia em algum novo negócio. E assim, todos começam a olhar desconfiados para ele que vai, pouco a pouco, enriquecendo mas perdendo os amigos e ficando muito rico mas infeliz.

Desatinado, Blau volta para a caverna, devolve a moeda e retorna para casa de posse de uma grande descoberta: a importância da amizade e da paz de viver. Vejam-se as últimas palavras que dão fechamento ao mito: “E agora estava certo de que era pobre como dantes, porém que comeria em paz o seu churrasco...; e em paz o seu chimarrão, em paz a sua sesta, em paz a sua vida! “ (LS, p.63)

Simões Lopes Neto não imaginaria o quanto sua *mão em pala* poderia abrir perspectivas de interpretação amplas para o leitor que, a partir de um universo configurado regionalmente, pode alçar-se ao universal. Daí, seu grande valor para a Literatura do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Simões Lopes Neto: Regionalismo e Literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

LOPES NETO, João Simões. *Cancioneiro guasca*. Pelotas: Livraria Universal, 1910.

_____. *Lendas do sul*. 9. ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

_____. *Contos gauchescos*. 18. ed. Porto Alegre: Globo, 1983.

_____. *Casos do Romualdo*. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1986.

ZILBERMAN, Regina. *Do mito ao romance*. Caxias do Sul/ Porto Alegre: EDUCS/ EST, 1977.